



ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DUAS ESCOLAS DE KARATE EM OKINAWA: UM OLHAR ETNOGRÁFICO¹

Fabio Augusto Pucineli²
Carlos José Martins³

Este trabalho é um estudo comparativo entre duas manifestações do karate de Okinawa, a partir de pesquisa etnográfica realizada entre 10 de janeiro e 24 de fevereiro de 2023. Envolvi-me nas práticas diárias em dois importantes locais: *Goju-ryu Higaonna Dojo* (GHD), nos períodos da manhã e tarde, bem como no *Shorin-ryu Shidokan Musei-Juku* (SSMJ), à noite. Mantive diário de campo, realizei registros fotográficos, vídeos, observação-participante e entrevistas. A coleta de dados aconteceu durante o curso “Promoção do Karate Tradicional de Okinawa como Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco”, pela *Japan International Cooperation Agency* e pela *International Okinawa Goju-ryu Karate-do Federation*, atual *Traditional Okinawa Goju-ryu Karate-do Federation*, em Naha, capital de Okinawa. Para marcar diferenças e semelhanças entre as práticas, foram escolhidas as seguintes categorias de análise dos dados: exercícios preparatórios (EP); *kihon* (fundamentos); *kata* e exercícios complementares (EC). Ambos os *dojo* seguem uma rotina diária diferente entre eles, mas praticamente a mesma todos os dias, pouco varia. EP: no GHD é uma ginástica que acontece quase sempre da mesma maneira: começando pelos dedos dos pés e seguindo até o pescoço, sob a contagem de quem estivesse no comando da sessão. Na SSMJ não existem EPs conduzidos. As pessoas realizam de maneira autônoma sua própria sequência. Quando o *sensei* convida para iniciar, já é para realizar a prática conjunta de *kihon*, o mesmo todos os dias, composto de seis partes. Na prática de Goju notei não haver um *kihon* específico. O *sensei* propõe séries de movimentos repetitivos, com e sem deslocamento, conforme considera conveniente para o momento. A repetição é um elemento importante em ambos os *dojo*, mas ocorre de maneiras diferentes entre eles. No GHD, o mesmo *kata* atravessa vários encontros. O *sensei* observa, tece comentários e em seguida solicita para repetir. Isso pode acontecer em uma ou várias tardes. Geralmente não se passa para outro *kata* enquanto aquele praticado não é satisfatório, diferente do que acontece na SSMJ, onde realizam-se diariamente 15 *kata* em conjunto. Enquanto rege a contagem, o mestre orienta, ajustando posturas e movimentos. Entre um grupo de *kata* e outro, o *sensei* oferece intervalos, nos quais as pessoas geralmente praticam alguma sequência de *kata*, auxiliam colegas, alongam ou mesmo conversam. O *sensei* observa, comenta, e fica disponível para dúvidas. Tais intervalos pouco existem nas práticas do outro *dojo*, que são quase sempre preenchidos por exercícios específicos, propostos pelos professores. Estar diariamente nos dois locais, praticando formas muito diferentes de karate exigiu de mim outras formas de disposição corporal. Apesar de serem agrupadas pela denominação comum “karate”, as duas práticas mostram-se bastante singulares e diferentes entre elas, o que indica pistas para considerar que o karate de Okinawa se faz em suas multiplicidades, diferenciando-se constantemente de si mesmo.

¹ Este trabalho é um desdobramento da pesquisa de Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias – Unesp Rio Claro, sob orientação do Prof. Dr. Carlos José Martins, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Doutorando em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Unesp Rio Claro, fabio.pucineli@unesp.br;

³ Professor do Departamento de Educação Física Unesp Rio Claro, carlos.j.martins@unesp.br;

